CRIANÇAS, PERCEPÇÕES E SENTIDOSDE FAVELAS[1]

Juliana Maddalena Dias
Mestre em Educação pelo PPGE-UFJF
Professora FACED-UFJF
julianamdias26@gmail.com

Resumo
Pretendo apresentar o que os alunos não moradores de favelas, inseridos em seus contextos percebem e como concebem suas ideias de favelas. Para alcançar esse objetivo, busquei através do desenho infantil um instrumento de interlocução com os sujeitos a fim de que eu pudesse me aproximar da questão investigativa. Dessa forma, meu foco de análise se deu naquilo que os estudantes me apresentaram acerca de seus pensamentos sobre as favelas. Para tanto, me apoio na discussão de Yi-Fu Tuan sobre topofilia, espaço, lugar e percepção. A topofilia permite pensar os gostos, cheiros e sensações sobre um lugar, e a pesquisa focou-se nas sensações sobre as favelas e nas mediações das experiências com este espaço.
A partir dessa relação entre experiência e espaço, as favelas serão apresentadas através da percepção das crianças.
Palavras-Chaves: favela, ensino de Geografia, aprendizagem espacial, lugar

Abstract
I intend to present the students who don't live in slums, embedded intheir contexts how they perceive and conceive ideas of slums. To achieve this goal, I looked through the children's drawing an instrument of dialogue with the subjects so that I could approach the matter investigated. Thus, my focus of analysis is what gave me the students had about their thoughts about the slums. For this, I support the discussion of Yi-Fu Tuan on topofilia, space, place and perception. The topofilia to suggest the tastes, smells and feelings about a place, and research focused on sensation in the slums and the mediations of experience in this space. From this relationship between experience and space, the slums will be presented through the perception of children.
Key Words: slum, teaching geography, spatial learning, place

1. Introdução

A temática da favela tem sido abordada no ensino de Geografia como um espaço de ausências, principalmente, de infraestrutura urbana. Existe um silenciamento da pluralidade presente entre os espaços e lugares de seus moradores, justamente, em uma disciplina que se coloca na busca por um olhar crítico na formação do cidadão. Todavia, o saber escolar não se configura como

[1] Baseada na dissertação defendida no Programa de Pós Graduação em Educação da UFJF: Crianças e favelas: percepções, mediações e sentidos

exclusiva mediação na construção da noção de favela pelos alunos. Neste sentido, se na cultura contemporânea são inúmeros os modos do sujeito tecer sua aprendizagem espacial, por que não investigar como as crianças percebem e concebem a ideia de favela? Ouvir os alunos para compreender aquilo que media suas experiências com o espaço favela proporcionou uma reflexão acerca de uma temática que está posta a todos- na cidade, na TV, nas conversas- e, de modo espacial, suscita o debate em torno da formação de professores. Diante de muitas geografias e da pluralidade das favelas, esta pesquisa procurou com base na Geografia Humanista ouvir crianças, não moradoras de favela, a partir de seus desenhos para conhecer como esses atores sociais percebem os sentidos das favelas. Neste sentido, é válida a reflexão: quais saberes orientam o cotidiano dos alunos além dos sabres escolares?

2. Crianças e Favelas: Percepções, Mediações e Sentidos

Ao trabalhar "Fatores de localização industrial", questionei os alunos sobre os motivos que levaram uma multinacional a ter escolhido uma cidade do interior e não uma metrópole para sua sede. Foi quando um aluno imediatamente levantou a mão e com um olhar de quem tinha a resposta disse: "Esta empresa jamais poderia ir para o Rio de Janeiro porque lá ela ia ser assaltada todos os dias". Perguntei o porquê e ouvi: "Por que lá tem muita favela e tá cheio de bandidos" e o aluno chegou a pronunciar os nomes dos bandidos "mais famosos" veiculados nos noticiários. Depois de instantes de silêncio lhe perguntei o que era uma favela. "Favela é um aglomerado urbano com o mínimo de 51 habitações..."

Naquele instante, ou a partir dele, não sabia o que dizer sobre favela. O aluno apresentou sua noção que não dialogava com a definição da maioria dos livros didáticos, que por sua vez não se aproximava do processo de favelização que como professora de Geografia pretendia trabalhar. Qual era o conceito de favela, afinal? Como ele havia aprendido aquela noção?

Com esta situação fiquei a pensar, como aquele aluno que me disse nunca ter ido ao Rio de Janeiro, falava com tamanha convicção e raciocínio elaborado sobre o tema. Ele trouxe elementos em sua fala associados à mídia, como os nomes dos traficantes e, a partir deles estabeleceu sua associação de violência à cidade que tem favelas. Não posso descartar que isso seja uma forma de experimentar o assunto, afinal, ele viveu imagens através de seus sentidos e construiu um raciocínio

e uma concepção temática. Ele se sentiu afetado pelas imagens que tocaram seus sentidos e, assim, foi possível que experimentasse uma noção entre Rio-favela-tráfico. Mas se ele nunca foi aquele lugar, por que temê-lo? Se existiu o temor, existiu, também, alguma forma de experimentá-lo.

Nessa ciência do espaço que busca a relação entre Sociedade e Natureza, a favela pode ser vista sob várias perspectivas de acordo com as correntes do pensamento geográfico. Com esse cenário, o espaço urbano com suas contradições se apresenta como um tema muito instigante, vivo e desafiador. Um segmento da Geografia que confronta em sala de aula a vivência diária e a construção de conceitos que são, muitas vezes, antagônicos à experiência de vida dos alunos. A maior parte da população vive na cidade, mas como a percebemos? Como tecemos nossas relações a partir de nossas percepções?

O desejo de buscar a pesquisa foi gerado quando lecionava para alunos de classes sócio-econômicas opostas e dividindo a mesma escola em turnos diferentes. Sentia um forte incômodo com o modo como se viam e se percebiam no mesmo espaço. Além disso, como era difícil abordar as desigualdades do espaço urbano com quem as vivia. No entanto, um tema se despontava como o mais “delicado”: as favelas.

Para os alunos da noite, que eram adultos e com baixíssima renda econômica, as favelas por eles eram chamadas de “comunidades” nas quais possivelmente poderiam viver. Para os alunos do dia, em idade regular e de elevadíssimo poder econômico, as favelas eram lugares de criminosos e fábrica de balas perdidas. Onde a Geografia conceituava tal realidade? Afinal, o que era a favela?

De que adiantava trabalhar somente a definição do IBGE se o que fica aos alunos é o que vivem ou trazem acerca do tema? Como faria para repensar a categoria Espaço como algo mutável no interior do discurso geográfico?

Neste caminhar reencontrei o pensamento do geógrafo Y-Fu Tuane com os estudos de WertherHolzer (2003,2008) sobre como a Geografia Humanista abarca diferentes modos de se ver, relacionar e assim, perceber o lugar.

A partir da relação entre percepção e topofilia de Tuan (1980), separo-me da busca por um conceito fechado sobre favela e encontro-me na amplitude do reflexo das relações humanas entre si e com o meio. Adjacente a essas relações estão noções e concepções que os sujeitos tecem sobre a noção de favela. Desse modo,

não há uma representação conceitual de favela, e sim, a busca pelo encontro de apresentações que os alunos fazem sobre essa noção. O foco, portanto, não está no processo de cognição dessa construção conceitual de favela pela criança, e sim, na relação entre os saberes escolares e os saberes não escolares que circundam e mediam as noções de favelas que os alunos carregam.

De acordo com Christofoletti (1982), "a Geografia Humanística procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares." (p.22). Com essa valorização, os indícios pelos quais me aproximei dessa Geografia começam a se delinear. Eis um olhar para o indivíduo, seu comportamento e sua relação com o lugar, finalmente uma aproximação com o que busco: o sujeito e não apenas o espaço-favela.

Neste instante, em que o "eu", o outro e o meio estão imbricados, para caminhar no pensamento de Tuan, a princípio, é preciso pontuar algumas palavras-chave que para o autor estão interligadas e levam ao entendimento de seu conceito principal: topofilia.

A primeira palavra a ser compreendida é a que caracteriza essa corrente da Geografia: a percepção. Para Tuan (1980) "percepção é tanto a resposta de sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados" (p.4). O foco dessa afirmação está na relação com os sentidos humanos. Dessa forma, o sujeito percebe no espaço determinados elementos e outros não, e como ele sente o que ele percebe? Trabalharei, portanto, com sua noção de percepção; uma percepção ligada aos sentidos do corpo (Lima,2006), registros de memória e o lembrar ou esquecer sobre os lugares.

Se essa percepção mexe, afeta, o indivíduo, o que ele faz com seus sentidos? A atitude seria a próxima palavra. "Atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. As atitudes implicam experiência e certa firmeza de interesse e valor." Com essa afirmação fica nítida a metáfora de um novelo de lã, que para conhecê-lo é preciso desenrolá-lo.

Essa esperada atitude é fruto e reflexo da próxima palavra-expressão: valor e visão de mundo. "A visão do mundo é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças." (Tuan, 1980, p.5). Essa visão de mundo foi expressa pelos desenhos que

as crianças fizeram e, dessa forma, tiveram a tendência em refletir essas crenças que estão intricadas na formação do sujeito. A experiência, assim, não foi vista como algo estanque no acúmulo de história, e sim, pelas memórias que os alunos carregam de suas histórias.

A partir da noção das palavras que norteiam a construção conceitual de Tuan, é possível compreender o sentido da utilização em seu grande vocábulo: o termo topofilia. Segundo o autor essa palavra apresenta-se como um neologismo e, em linhas gerais, envolve os laços afetivos do homem com o meio, associando, assim, o sentimento ao destacar o lugar. "Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal." (Tuan, 1980, p.4-5). Este termo, segundo Christofoletti (1982) tem significância ao demonstrar a integração espacial ao campo afetivo e, portanto, da experiência do indivíduo, sem que as relações entre eles sejam excluídas.

O que salta a meus olhos nessa noção de topofilia são a riqueza e a força da experiência pessoal na visão sobre o lugar. Ou seja, o modo como as experiências do indivíduo interferem em sua percepção sobre determinado lugar. A riqueza se estende na capacidade de perceber o meio a partir dos sentidos, o que não seria possível em outras correntes geográficas já citadas. Para Tuan (1983), a experiência é formada de sentimentos e pensamentos e será a esta noção que me deterei.

A topofilia permite pensar os gostos, cheiros e sensações sobre um lugar, uma vez que "um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos." (Tuan, 1980, p.12). Dessa forma, não é uma Geografia estática e indiferente ao meio, ao contrário, ela está nele inserida e ao mesmo tempo procura vê-lo de fora. Não é uma Geografia que apenas relata as imagens e impressões de viagens, ela procura conectar pessoas e lugares. Não é uma Geografia que se limita a quantificar as pessoas, seus problemas e lugares, ela procura compreender o que são problemas para aquele grupo de pessoas daquele lugar. Ao mesmo tempo, não é uma Geografia fragmentária que se aprisiona no embate do particular e do geral, ela se liberta a entender que um certo ponto faz parte de uma rede que atua em sua formação.

Para compreender essa relação entre percepção do espaço favela, experiências e sujeitos foram entrevistados 22 alunos e analisados 140 desenhos elaborados por alunos do 7º ano do ensino Fundamental e não moradores de

favelas. Assim, os sujeitos que encontrei para iniciar esta busca investigativa foram alunos ao final de suas infâncias, escolhidos por seus olhares e por desejar dar-lhes voz através da pesquisa neste cenário urbano no qual a favela se insere.

A justificativa para a escolha do olhar da fase entre a infância e a adolescência se sobrepõe em uma tripla ideia desse sujeito: Primeiramente porque esse aluno é um ator social inserido em um contexto urbano no qual mantém relações. Portanto, como percebem esse cenário de profundas transformações sociais? O segundo motivo encontra-se com a faixa etária em questão, ou seja, se ele está em fase de formação pessoal e escolar, quais são as representações de favela que têm em sua formação? Quais são hoje as práticas sociais de memória que atravessam o ser criança e a constituição do sujeito que pensa e reflete o mundo? E o terceiro, pouco mais futurista, alcança o crescimento do aluno. Logo, qual o fio formador de identidade? Ele, provavelmente, o tem carregado e o carregará em sua vida?

De acordo com a análise dos 140 desenhos, para a maioria dos alunos, a favela está relacionada aos aspectos de moradia, como as casas e a maneira como são construídas e a localização delas em morros. Contudo, não é exclusivamente o modo como são construídas as habitações que orientam a noção de favela dos alunos. Além de itens de moradia, diversos trazem símbolos de violência, outros pautados em aspectos de lazer e ainda existem os que inserem marcos de assistência ou prestação de serviços para aqueles moradores.

A fragilidade das construções pode ser observada através de sinais como rachaduras, buracos nas paredes, vidros quebrados, tijolos aparentes ou até rabiscos que denunciam alguma forma de abandono ou precária manutenção.

Cerca da metade dos alunos fez alguma demonstração de divisão entre os usos da cidade. Ora por uma avenida principal de acesso que depois tinha seu formato alterado, ora pela configuração das casas das favelas e os prédios que a circundavam. Além disso, outra divisão foi apresentada de modo mais velado pela forma incorreta da escrita da língua Portuguesa em muitos desenhos. Palavras que notoriamente foram escritas daquele modo para sinalizar a diferença de escrita, no mínimo dos moradores e dos alunos, e até da favela para a macro cidade.

Cidade dividida. Por valores, gostos, localizações, construções, acessos, permissões, proibições, medos e alegrias. Quantos foram os elementos que registraram o dualismo morro e asfalto? Um aglomerado de casas com ou sem janelas, com lajes para o varal e para o churrasco, morros com ruas e escadas que

dão acesso às casas, comércio, escolas, postos de saúde, boca de fumo e prisões, pessoas, polícia, lazer, córrego com lixo, sol, dão nome e compõe, em linhas gerais, os 140 desenhos representados pelos alunos. Mas essas são impressões silenciosas de uma observação solitária e cheia de suposições. Afinal, o que pensaram para desenhar suas noções de favela?

As favelas desenhadas e apresentadas demonstraram algo mais do que os saberes escolarizados. Elas sinalizaram a força da experiência e das mediações nas construções das noções daqueles espaços. Força essa alimentada, principalmente, pelo destaque da mídia televisiva num processo de apresentar aos telespectadores imagens em reportagens, novelas, filmes ou em publicidade.

Essa pluralidade de favelas vai ao encontro de uma disciplina de leitura e posicionamento de mundo, no entanto, como elas têm sido abordadas? Os alunos não se detiveram aos saberes escolares para relatarem suas experiências e noções de favelas e, nesse sentido, como o ensino de Geografia pode acolher essa pluralidade? A questão novamente retorna ao professor que em sala de aula está diante de outros saberes que podem estar sendo silenciados em nome do saber, dito, científico.

Ao observar os desenhos na relação com os dados que deles surgiram, muitas foram as perguntas que se somaram as que eu já carrego. Como seria viver em casas sem janelas? Como seriam os churrascos nas lajes? Como subir e descer as ruas traçadas pelos morros? Por que os alunos pensam que os favelados escrevem de modo incorreto à norma da língua? Como seria o cheiro que as pessoas ali representadas sentem dos esgotos por entre suas casas? O que sentem aqueles que têm suas casas marcadas por tiros? O que ouvem quando o Bope se faz presente em seus desenhos/vidas? Por que o número de pessoas não é compatível com a quantidade de casas desenhadas? Por que é comum a baixa representação de prestação de serviço nas favelas, como da saúde, por exemplo? Mas não responderei ao volume de perguntas apresentadas, e sim, competirá a mim, compartilhar as respostas trazidas pelos alunos.

Diante dessa fragmentação do espaço é possível reler Bauman (1999) que aponta as cidades como “espaços em que estranhos ficam e se movimentam em estranha proximidade uns dos outros” (p.29) num modo do construir o urbano com espaços interditados e destinados aos guetos, voluntários ou não. Com essa forma

de estranha proximidade que distancia sujeitos, perde-se a necessidade de comprometimento com o outro à medida que evitá-lo tornou-se suficiente para o "convívio" harmonioso.

Essa cultura, segundo Bauman (2003, 2005) do ilhar-se no igual e se afastar do diferente tem demonstrado através dos desenhos uma certa "naturalidade" e uma passividade diante dessa cidade cheia de rupturas sócio-espaciais. Refiro-me à naturalidade pelo viés que imagens repetidas vão se tornando familiares ao nosso reconhecimento e vão minimizando nossos impactos visuais sobre elas. Como se fôssemos ficando acostumados a elas.

Os elementos de violência foram apresentados pelos alunos através de pichações que amedrontam como "Hoje te vi, amanhã não te vejo mais", com armas, tiros ou cenas de violência entre pessoas.

A pluralidade das favelas foi apresentada pelos alunos a partir de seus sentidos e sentimentos por esses lugares. Suas percepções foram aguçadas por experiências diretas ou mediadas com as favelas. Com essa ideia, ao conversar com algumas pessoas sobre a pesquisa, muitas acreditavam que um sentimento fosse sobressair: o medo da favela.

"Os medos são experimentados por indivíduos e, nesse sentido, são subjetivos; alguns, no entanto, são, sem dúvida, produzidos por um meio ambiente ameaçador." (Tuan, 2005, p.7). Não discuti tipo de medos nem aspectos psicológicos nesse trabalho. Todavia, não podia me silenciar diante de desenhos que evidenciavam símbolos de violência como armas e tiros. Houve sim, um grande número de elementos que remetiam às favelas apresentadas aos lugares ameaçadores e geradores de medo. No entanto, curiosamente, ter medo não significou já ter ido a uma favela e lá ter vivido alguma situação que lhes despertasse o medo. Digo curiosamente, pois as associações de medo e favela não foram vista neste trabalho como um fruto de traumas vividos em favelas. O que na verdade sinalizo é que com a força desse sentimento no discurso dos alunos precisei considerar o peso de relações estabelecidas com as favelas sem que nunca tenham ido a uma delas. Não caberia mais nessa pesquisa considerar apenas a experiência direta e in loco. A busca passou a se concentrar no entendimento daquilo que gerava ou reforçava a força desse sentimento expressado.

Em tudo o que a violência silencia os moradores, o lazer os liberta de seus espaços imediatos e os leva ao convívio em outros espaços da favela, sejam eles

em demonstrações coletivas ou em atividades individuais. Essa possibilidade de diversão é capaz de ressignificar os espaços de violências e é, também, o viés de atuação de poderes oficiais da sociedade nestes espaços onde são comuns as construções de pistas de skate e campos de futebol. O interessante na leitura dos tipos de elementos é que todos poderiam estar em quaisquer pontos da cidade, mas nem todo tipo de lazer urbano "poderia" ser visto na favela.

Neste cenário, a ida ao Rio de Janeiro tornou-se a principal fonte de observação dos alunos, acompanhada de uma discreta visão de favela na própria cidade de Juiz de Fora-MG. Se existiu essa noção pela passagem por aquela cidade, também a favela se mostrou aos alunos através da televisão e por depoimentos de pessoas que lá moram, gerando assim, a visão de favela de quem passa e a observa, a visão transmitida pela mídia e visão de alguns moradores.

Perguntei-lhes sobre o que assistiram na TV, então, a programação se diluiu e passou a ser composta por telejornais, filmes até então exibidos no cinema e novelas. De qualquer forma, mesmo que a fonte não seja lembrada, existe um eixo entre a programação pelos alunos indicada: a comunicação em massa.

> Juliana: "E aí quando você desenhou essa favela você pensou nessa que você já passou, ou alguma em especial?
> P1: Ah, pensei mais no que mostra mais na televisão.....
> Juliana: E o que você lembrou que mostra na televisão?
> P1: Ah..., o tráfico, violência das notícias".

Essas imagens devem ser consideradas como mediadoras de uma experiência que afeta o telespectador e o faz alterar seu modo de representar a favela.

Diante de tantos elementos muitos puderam ser agrupados por suas afinidades temáticas como os elementos de moradia, os que são visíveis nas favelas, os de serviços, transportes, pessoas, diversão e de violência. Este último, no entanto, se despontou como um grande elemento de repetição e que surgiu como ponto certo nas entrevistas com os alunos. Apesar de não ter sido o único, o medo foi um forte sentimento ligado a uma primeira impressão sobre as favelas. Nesse sentido, nosso primeiro eixo de reflexão se deterá ao medo que é associado à violência das favelas. Os entrevistados desenharam ou falaram sobre seus medos? Essa dúvida gerou outro eixo de análise: entre o que traçaram e aquilo que verbalizaram. Mas afinal, os alunos têm medo de quê?

Com tantos sentidos e sentimentos o medo tem seu destaque nas noções de favela que os alunos apresentaram. O temor relatado fortifica-se e é enraizado em imagens assistidas, em especial, através de reportagens jornalísticas.

Entretanto, nem só de violência foram os maiores números; significativos também foram os lugares representados como pontos de lazer na favela. A maioria dos elementos está concentrada entre bares, bailes e boates, seguida de campo de futebol, igrejas e pipas. Logo após, foram repetidos elementos como bicicletas, skates, hotéis e motéis.

No entanto, também grande foi o olhar humanizado que os alunos lançaram para o cotidiano na favela. Ou seja, falo de alunos com realidade econômicas diferentes dos favelados, que reconhecem e assumem o medo da violência, que ponderam as imagens que os têm orientado, que admitem suas influências e que refletem sobre a vida daquelas pessoas deles distantes. Neste caso, o medo não os paralisou e, pelo contrário, os motivou a trazer às suas vidas, como seria a vida de outras pessoas. Afinal, como será essa vida por eles imaginada? O que existe além do medo?

> Juliana: "E esses balões de diálogos?
> M1: É, porque eu tenho uma noção de que esse pessoal da favela, eles são muito agitados, gostam de funk, aí como era no momento assim... eu desenhei. Eu coloquei como se fossem eles cantando, como se fosse uma festa na laje. Como se fosse uma laje e eles fazendo um churrasquinho...uma festa assim...
> Juliana: "E como que você acha que deve ser o barulho da favela?
> M1: Ah, eu acho que final de semana assim...eles se reúnem, fazem festa, shows.... fazem churrasco entre eles. Sabe? Deve ser muito legal chegar no final de semana e ter um churrasquinho com os amigos, os vizinhos. Ah, quando eu penso em favela imagino diversão, o pessoal vem no final de semana, ai fica todo mundo conversando."
> Juliana: E como é a vida na favela?
> T2: Imagino que a vida seja harmoniosa, porque as pessoas, a vizinhança é muito forte na comunidade aí as pessoas têm um pouco mais de companhia, mas na favela o problema mesmo é o tráfico, e a comunidade ajuda a acalmar isso. Eu sinto que nessas comunidades tem muita união nas famílias....Eu acho legal. Normalmente as pessoas que passam mais dificuldades são mais unidas com a família do que as que não tem dificuldade...."
> Y1: "Favela? Um lugar onde as pessoas ficam na comunidade e gostam de viver sua vida, sempre unidas..."
> L1: "Ah, às vezes, não sei o que é favela, porque igual eu vi na reportagem, que às vezes muita gente pensa que a favela é, como é, como que fala, só tem traficantes, essas coisas, mas muitas pessoas são honestas e trabalham."
> Juliana: "E você disse que já viu e ouviu sobre favela na televisão. Você se lembra o que era?

> L2: Ah, já vi confronto entre a polícia e os traficantes, gente fugindo com criança no colo, já vi umas coisas assim. Bala perdida acertar gente inocente.
> Juliana: E o que você sente quando você vê essas reportagens?
> L2: Ah, eu me sinto triste, porque deve ser horrível passar por isso, nossa! Sem falar que essas pessoas já moram numa condição ruim de casa."
> M1: .Favela? (Silêncio.) Ah, quando eu penso em favela em diversão, o pessoal vem no final de semana, conversando... Mas quando tem filme, reportagem, assim... Eu já penso mais em pessoa com arma lá dentro, aí eu já não sei como é...se é esse clima de alegria ou se é essa violência...assim...que a gente vê"
> A dúvida de M1 é categórica: o aluno não sabe se a favela é o que sente ou o que assiste. As imagens da televisão têm um potencial de força na formação dos sujeitos tão intenso que desloca outros fios formadores. Ao se envolver com as cenas "uma veracidade se instala, as palavras são sons de uma discussão verdadeira, indiscutivelmente real." (Almeida, 2004, p.42). Esse tom de verdade atribuído às cenas televisivas ficou claro ao longo das entrevistas quando os alunos admitiam ter conhecido as favelas com base em tais imagens.
> No entanto, os estudantes têm demonstrado algo que vai além de consumir reportagens. Pelas entrelinhas das entrevistas foi possível perceber a existência de uma reflexão acerca das imagens recebidas. Essa é uma forma de se posicionar no mundo percebido, ou seja, a reflexão que poderá tender a ação.
> M1: "Sinto pena, ver as pessoas ali passando por essas situações em termos de conforto...eu tenho vontade de ajudar, sabe?Acho que ainda não tenho idade para ir e fazer alguma coisa e tal...mas tenho essa vontade..."

Esse protagonismo que os alunos apontam é fruto de seus fios formadores que atuam na constituição dos seus "eus". Esse "eu" que é formado a partir e nas relações que estabelece com outros "eus", mas sempre como outros. Os estudantes se colocam abertos na interação com os outros da favela a partir daquilo que neste momento têm a oferecer: os recursos de sua condição social. Logo, se a favela é, por muitos, conhecida como o lugar da ausência, existe uma coerência de pensamento em ajudar com aquilo que é presença em outras classes. O olhar de quem está de fora tem variado desde estes recursos até o se divertir junto como já relatado. Independentemente da forma da aproximação ou da ajuda, os sentimentos refletem algo que ultrapassam as condições físicas do lugar e beiram as condições humanas (ou sub-humanas) às quais os moradores estão vulneráveis.

Experiência direta. Eis o que os alunos buscam em suas intenções em contrapor visões de favela. Ou melhor, favelas. Na busca inicial por um conceito fechado de favela, encontro alunos que admitem a pluralidade das favelas e a

vivência do espaço como mais uma forma de percebê-lo. Além das favelas, os alunos transitam pelos valores e pelas diferenças que entende existir entre classes sócioeconômicas. Um trânsito que ao invés de paralisá-los em seu meio os motivou a irem ao encontro da realidade do outro. Uma atitude desejada a partir de sua visão de mundo construída pela maneira como percebe o espaço em questão.

3. Considerações Finais

Os encontros com esses alunos bem como suas percepções de favela despertaram em mim outras maneiras de compreensão da realidade. Se no princípio estava focada em um único conceito de favela, ao longo da pesquisa precisei desconfigurar aquela certeza. Como que diante de sujeitos com formações e percepções diferentes poderia, ainda, insistir em uma prescrição aos professores de Geografia do que seria o conceito de favela? Com a discussão sobre espaço e lugar a partir da Geografia Humanista passei a admitir o modo diferenciado como o sujeito se relaciona e percebe o espaço. Dessa forma, o espaço-favela também se configurou como cenário para essa possibilidade de olhares dos sujeitos. Ao compreender que geograficamente os alunos continuavam imbuídos de uma análise espacial tive mais um reposicionamento: não se tratava de falar em favela e, sim, em favelas.

Nessa busca algumas mediações foram destacadas durante as entrevistas como da família, escola ou amigos. No entanto, uma não só foi apresentada como discutida pelos alunos: a mediação pela mídia televisiva.

Os alunos relataram inúmeras vezes que imagens que se recordam de favelas são aquelas onde as favelas são palcos de violência. Com fugas, perseguições, tiros e mortes a favela foi descrita como um lugar onde, verdadeiramente, essas cenas se repetem. O que se pode constatar é que além das imagens que vão se consolidando no senso comum, forte, também é, a ideia de que essas sejam as verdadeiras imagens das favelas.Com as falas e descrições sobre as favelas foi possível notar que “uma veracidade se instala, as palavras são sons de uma discussão verdadeira, indiscutivelmente real.” (Almeida, 2004, p.42).

Esse dispositivo de moldagem, deformação e apresentação do cotidiano das favelas ao público em massa tem contribuído para uma noção de favela baseada em imagens de violência. Todavia, neste trabalho, elas não demonstraram ser o fim de um modo de se pensar esse espaço. O medo, não foi relatado pelos alunos como

um sentimento único tampouco algo que seja uma barreira intransponível no convívio entre moradores e não-moradores de favelas. Ao contrário, o medo suscitou dúvidas em relação à programação assistida e permitiu uma abertura para o encontro com o outro nessas cidades divididas.

Nessa possibilidade de saírem de suas realidades de não-moradores de favelas e irem ao encontro desse outro, um sentimento foi fortemente associado à imaginação dos alunos e suas percepções acerca do cotidiano naquele espaço. Refiro-me a alegria!

Inúmeras vezes esse vocábulo foi repetido nas entrevistas e em suas demonstrações nos desenhos. Os alunos acreditam que as favelas sejam espaços de alegria, convivência e diversão. E todas as vezes que assim se referiam, deixaram claro a ideia de pessoas que se reúnem para se divertir. Algo que, segundo alguns alunos, seria o ideal em suas vidas onde estão ladeados por vizinhos que não se falam. Essa admiração se tornou uma forma de aproximação de realidades geográficas distintas e sinalizou percepções que vão além daquelas trazidas pelas reportagens discutidas pelos alunos.

Imaginar que os vizinhos se reúnem em churrascos abertos à comunidade onde as pessoas cantam em suas casas e as crianças brincam nas ruas, foi o modo que os alunos encontram para descrever a alegria vivida no cotidiano das favelas. Esse compartilhar espaços e vivências pelos moradores nas favelas se apresentou como o grande atrativo aos alunos para suas realidades. Por muitos momentos, desejavam viver essa dinâmica em suas vidas...

Para Tuan (1980,1983), a percepção dos espaços e lugares levam os sujeitos à reflexão e à suas visões de mundo. Essa visão, por sua vez, os impulsiona a uma atitude de acordo com as referidas percepções. Esse modo do autor ler o mundo pôde ser entendido a partir do que essa visão de alegria gerou nos alunos. Esse sentimento com um misto de admiração levou os entrevistados a ponderarem as imagens assistidas de violência e a traçarem possíveis planos de ação em suas vidas. Neste sentido, a supremacia da violência foi colocada em dúvida diante de sentimentos também trazidos pelos estudantes. Suas dúvidas sinalizaram essa capacidade de leitura do mundo, inclusive, das fortes mediações que relataram. Esse ato de duvidar que as favelas não sejam tão ruins e violentas como apresentadas gerou uma nova possibilidade: ir ao encontro do outro na favela.

Essa atitude pretendida reflete a intenção dos alunos de perceberem em in loco aquilo que para eles seria viver numa favela. Eles acreditam que assim poderão ver se a favela se aproxima mais daquilo que imaginam ou daquilo que assistem. Independente desse contraponto o que orienta esse pensamento é a vontade do aluno de se colocar como protagonista de suas reflexões e ações. Esse desejo de ir a estes encontros revelou noções que transcenderam a curiosidade pelo local e caminharam no sentido de uma responsabilidade social.

O raciocínio exposto pelos alunos foi: se eles vivem numa classe favorecida economicamente, estudam as desigualdades sociais e as percebem nas cidades, se cobram, portanto, que façam algo para minimizar tal desigualdade ou para ajudar àqueles que são desfavorecidos economicamente. Essa é uma visão de quem está de fora de uma determinada realidade e nela tem vontade de se inserir a partir da ajuda às pessoas. Nesse sentido, eles poderiam ajudar a quaisquer indivíduos em lugares e situações completamente diferentes das descritas, no entanto, suas percepções e reflexões sobre as favelas os impulsionaram ao próprio ambiente em questão. Ou seja, a favela não se tornou sinônimo de um lugar de repulsa e fuga para os alunos que lá não moram.

Mas as imagens dos desenhos me levaram a um movimento de escuta. Como a ideia de produção de escuta a partir de imagens (Oliveira Jr, 2005,2006). Essa escuta dos alunos me levou a ressignificar aquilo que pensava sobre favelas. Nessa escuta pude conhecer as vozes incríveis de alunos que se abriram para que eu pudesse me aproximar de seus mundos com o intuito de conhecer suas favelas. Sim! Favelas no plural. E quantas conheci! Quantas linhas foram traçando relações entre espaços, lugares e identidades!

Busquei um conceito definido de favela e, no entanto, nenhuma conversa revelou que as favelas, para os alunos, sejam o conceito dos livros didáticos ou de órgãos oficiais. As favelas foram definidas pelos alunos a partir de percepções e repletas de experiências por entre espaços e lugares. Experiências que enriquecem os diálogos no cotidiano escolar. Mas afinal, o que é favela?

4. REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Milton José de. Imagens e sons: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 2004. 110p.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: **As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1999.

_____. **Comunidade a busca por segurança no mundo atual**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003. 141p.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.110p.

CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. 318p.

DIAS, Juliana Maddalena. **Crianças e Favelas: Percepções, Mediações e Sentidos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010 .290f

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista do Brasil: apontamentos para uma epistemologia. In: **Anais do I Colóquio Nacional de História do Pensamento Geográfico**, 2008. Uberlândia – MG: Núcleo Geografia e Memória/UFU, 2008.p. 1-15.

_____. O conceito de lugar na Geografia Cultural Humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano V, n.10, p.113-123, 2003.

LIMA, Luciano Castro. **O sentido é o meio**. IN: PONTUHSCHKA, NíbiaNacib&

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. **Desenhos e escutas**.In: 29ª reunião da Anped.GT 12: Caxambu, 2006.15p.

_____. **A produção da escuta a partir de imagens**. In: 8 Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia., 2005, Dourados-MS. Anais do 8 Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, 2005. p. 1-25.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar – a perspectiva da experiência**. Trad. Lívia de Oliveira. Rio Claro: Difel, 1983. 250p.

_____. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.São Paulo: Difel, 1980.288p.

_____. **Paisagens do Medo**. São Paulo: UNESP, 2005. 374p.